

## Uma análise crítica das genealogias de Jesus (Mt 1,1-17 e Lc 3,23-38)

### A critical analysis of the genealogies of Jesus (Matt. 1: 1-17 and Luke 3: 23-38)

Adylson Valdez\*

Recebido: 14/11/2019.

Aprovado: 25/11/2019.

#### Resumo:

Ao longo dos tempos, as genealogias de Jesus (Mt 1,1-17 e Lc 3,23-38) têm sido interpretadas especialmente por meio de teses de harmonização e de inclusão de Maria. No entanto, estas teses possuem uma base conjectural e artificiosa que cria complicações inconvincentes e inaceitáveis para um estudo crítico. Este artigo faz uma revisão daquelas teses, apontando os seus enganos e incongruências. Em seguida, o autor empreende uma análise minuciosa das genealogias. O resultado da análise é a revelação de novos detalhes e observações que levam a soluções mais lógicas, apropriadas e esclarecedoras.

**Palavras-chave:** Genealogias. Jesus. Teses. Objeções. Análise.

#### Abstract:

Throughout time the genealogies of Jesus (Matt. 1: 1-17 and Luke 3: 23-38) have been interpreted specifically through harmonization theses and theses that include Mary. However, these theses possess a conjectural and artificial basis that creates unconvincing and unacceptable complications to a critical study. This article reviews those theses, pointing out their errors and incongruities. Subsequently, the author engages in a minute analysis of the genealogies. The result of the analysis is the revelation of new details and observations that lead to more logical, appropriate and enlightening solutions.

**Keywords:** Genealogies. Jesus. Theses. Objections. Analysis.

#### Introdução

No decorrer da História, tanto cristãos como judeus e pagãos discutiram acirradamente sobre as genealogias de Jesus, que se encontram em Mt 1,1-17 e Lc 3,23-38 (v. as listas respectivas nos itens 2.1 e 2.2 deste artigo). Esta discussão se deveu ao fato de que elas possuem entre si enormes diferenças, quais sejam: a) Mateus segue uma ordem em linha

---

\* Adylson Valdez é advogado e militante na cidade de Santos. E-mail: adylv@lbn.com.br Dedicatória: dedico este trabalho aos exegetas Raymond E. Brown (falecido) e John Nolland, meus inspiradores. Este artigo em português se trata de fusão, correção e atualização dos artigos “Las Genealogías de Jesús” e “Las Genealogías de Jesús: una complementación”, publicados na *Revista Bíblica* 71/3-4 (2009) 193-218 e 73/3-4 (2011) 117-129, PPC Editorial, Buenos Aires, Argentina. A publicação brasileira no presente formato foi autorizada pelo diretor da *Revista Bíblica*, Jorge Blunda, em 16 de outubro de 2018.

descendente, com quarenta e um nomes, e Lucas em linha ascendente, com setenta e sete nomes, mais um excedente, ou seja, Deus (v. item 2.2 deste artigo);<sup>1</sup> b) Mateus é mais restrito, porque pretende apenas demonstrar que Jesus é judeu (por meio de Abraão) e é descendente de Davi, enquanto Lucas acrescenta a isso as suas naturezas humana (mediante Adão) e divina (por meio de Deus); c) Mateus demonstra que Jesus tem condição régia, relacionando os reis de Judá a partir de Salomão, enquanto Lucas exclui esta condição, pois na sua lista ocorre um desvio para outros descendentes de Davi que não foram reis, ou seja, Natan (v. 2 Sam 5,14 e 1 Cr 3,5) e seus sucessores desconhecidos. Assim, enquanto Mateus prefere construir sua lista por gerações régias, Lucas opta por simples filiações; d) Lucas acrescenta à lista genealógica vinte e um nomes anteriores a Abraão; e) de Davi a Salatiel, Mateus relaciona dezesseis nomes, e, de Zorobabel até Jesus, doze nomes. Lucas menciona, respectivamente, vinte e dois e vinte e um nomes; f) enquanto Mateus faz supressões e não repete nomes, Lucas aparentemente não procede a exclusões e repete sistematicamente vários nomes; g) de Abraão até Davi, as listas se assemelham, somente vindo a se encontrar em Salatiel, Zorobabel, José e Jesus; h) Mateus coloca Salatiel e Zorobabel no ramo dos reis e Lucas não; i) Lucas escreve alguns nomes de forma diferente de Mateus: Arni, ao invés de Aram; Salá, ao invés de Salmon; e Booz, ao invés de Boez; j) Mateus, ao contrário de Lucas, cita os nomes de algumas mães: Tamar, Raabe, Rute, a mulher de Urias (Betsabá) e Maria;<sup>2</sup> k) da mesma forma, Mateus cita irmãos: os irmãos de Judá, e Zerá, irmão de Farés;<sup>3</sup> l) e Mateus afirma que Jeconias é pai de Salatiel, Zorobabel é pai de Abiud e Jacó é pai de José, enquanto Lucas assevera que Neri é pai de Salatiel, Zorobabel é pai de Resá e Eli é pai de José.

De seu lado, os cristãos tentaram justificar algumas destas diferenças por meio de teses de harmonização, devido à necessidade teológica de que deve haver apenas uma genealogia. Também aventaram hipóteses de inclusão de Maria em uma das duas listas genealógicas, pois Jesus tinha de ser descendente carnal de Davi por meio da sua concepção virginal. No entanto,

---

<sup>1</sup> Em geral, as listas genealógicas bíblicas são em ordem descendente. Mas, há exceções, como as de 1 Cr 6,18-32 e, na LXX, Jdt 8,1.

<sup>2</sup> Isto ocorre provavelmente para que se tivesse a oportunidade de justificar a presença de Maria (Mt 1,16), o que era necessário fazer devido à concepção virginal (Mt 1,18). Alguns estudiosos dizem que as mulheres mencionadas por Mateus são tipos de Maria, na medida em que o poder de Deus se manifestou a elas. Este parecer se confirmaria com a situação bíblica irregular das mulheres citadas por Mateus, a qual pode ser equiparada à concepção extraconjugal da mãe de Jesus (para Tamar, v. Gn 38,6-30; para Raabe, v. Jos 2; 6,17.25, muito embora em Mt 1,5 parece ter ocorrido uma atribuição fictícia e forçada de maternidade, pois não há menção do nome Raabe nas listas genealógicas de 1 Cr 2,12 e Rt 4,21; para Rute, v. Rt 2,8-13; 3,7-18; 4,13; e para Betsabá, v. 2 Sam 11). Outros, no entanto, preferem ver nas mulheres uma intenção universalista de Mateus com relação aos destinatários do seu evangelho, considerando que elas não são judias (Tamar foi às vezes vista como prosélita; Rute era moabita; Raabe era uma residente de Jericó; e Betsabá possivelmente era uma hitita, como o seu marido Urias).

<sup>3</sup> Talvez estes estejam de passagem na lista porque remetem, respectivamente, aos doze filhos de Jacó e ao fato de que Farés e Zerá eram gêmeos (Gn 38,27-30).

as propostas se baseiam em meras suposições e em artifícios forçados. Esta base conjectural e artificiosa atribui à questão uma complicação inconvincente e inaceitável para o ponto de vista de um estudo crítico. Por outro lado, às vezes esta complicação tem sido adotada até mesmo em estudos críticos, preferindo-se formular proposições incongruentes que pecam pela falta de uma análise adequada e minuciosa. Esta tendência tem levado a muitos enganos que pioram ainda mais a questão. Por esse motivo, é necessário rever as teses que envolvem as genealogias de Jesus.

O presente artigo se propõe revê-las e empreender uma minuciosa análise da estrutura das listas e dos nomes que as compõem. Para tanto, serão apresentados novos detalhes e observações que podem conduzir a soluções mais lógicas, apropriadas e esclarecedoras.

## **1. As teses sobre as listas de Mt 1,1-17 e Lc 3,23-38**

### **1.1 Retrospecto das teses**

Através dos tempos, a controvérsia das listas genealógicas centralizou-se mais na questão dos nomes diferentes dos pais (v. letra l acima). A solução sugerida para este problema foi a harmonização entre elas. Júlio Africano (c. 240 d. C.) foi o primeiro a harmonizá-las, por meio do levirato (Júlio Africano, *Carta a Aristides*, EUSÉBIO, 1.7.1-17). O levirato era uma regra judaica que determinava o casamento do cunhado com a cunhada que ficasse viúva (Dt 25,5-10; Gn 38,8). Africano, baseado nesta lei, supõe que Jacó e Eli eram irmãos por parte de mãe, da seguinte forma: Matan, descendente de Salomão, gerou Jacó; tendo ele morrido, Melqui (na realidade, Matat, conforme Lucas; v. item 2.2 deste artigo),<sup>4</sup> descendente de Natan, casou-se com a viúva de Matan e gerou Eli; morto Eli, Jacó desposou sua mulher e gerou José; no entanto, legalmente José era considerado também filho de Eli; desta forma, na visão de Africano, Mateus nos dá a genealogia dos ascendentes naturais de Jesus, enquanto a de Lucas nos fornece os seus ascendentes legais.

Por outro lado, Eusébio considerou que Maria deveria ser da mesma tribo de José, pois a lei mosaica não permitia o casamento com membro de outra tribo (Nm 36,8-9) (EUSÉBIO, 1.7.17). Os Padres da Igreja, mais especificamente, foram unânimes em asseverar que Maria

---

<sup>4</sup> Africano parece ignorar o nome correto, ou seja, Matat. Talvez ele tivesse em mãos uma lista incompleta. Este defeito ocorre em outros manuscritos, como B N U (setenta e seis nomes) e sy.<sup>sin.</sup> (setenta e três nomes). IRENEU, em *Adv. Haer.* 3.22.3, nos fala de setenta e dois nomes. Existem vários manuscritos latinos que também colocam setenta e dois nomes. Por outro lado, alguns pensam que a lista de Lc 3,23-38 tinha menos nomes originalmente, ao invés de setenta e sete, considerando que Africano, inclusive, desconhece Matatá e Levi, assim como em outros manuscritos faltam Aminadab e Mená (respectivamente, B e A).

era descendente de Davi, devido à necessidade teológica de se firmar a origem carnal davídica de Jesus, conforme a interpretação literal de Rom 1,3.<sup>5</sup> Outros acrescentam que Maria também era filha de Eli. Assim, Maria seria meia irmã de José. Por isso, a lista de Lucas nos traria os ancestrais de Maria, e, a de Mateus, os de José (PATRIZZI, 84-91).<sup>6</sup> Na tentativa de confirmar esta hipótese, há os que mencionam a passagem do tratado rabínico *Hagigah* 77d, do Talmude de Jerusalém, onde se encontra uma personagem chamada “Maria, filha de Eli”.<sup>7</sup> Uma outra explicação seria a adoção de José por parte de Eli, pai de Maria, a qual não teria tido irmãos (Esd 2,61; Ne 7,63; 1 Cr 2,21-22.34-35; Nm 27,3-11) (HOLZMEISTER, 184-218; NOLLE, 291-298).<sup>8</sup> Recentemente surgiu uma nova tese, baseada em genealogias judaicas do período do Segundo Templo, nas quais eram comuns os nomes José e Maria. Por causa disto, esta tese defende que existiriam quatro fontes genealógicas diferentes e independentes formadoras das genealogias de Mateus e Lucas, e que teria havido uma justaposição incorreta entre elas, de maneira que Maria, mãe de Jesus, teria tido tanto um pai quanto um marido chamados José, sendo que o primeiro era o filho de Eli, e, o segundo, o filho de Jacó (SIVERTSEN, 43-50). Com relação aos nomes do pai de Salatiel (Jeconias-Neri) e do filho de Zorobabel (Abiud-Resá), existem problemas não só internos como também externos às listas. Em 1 Cr 3,17, concordemente com Mateus, Jeconias é pai de Salatiel, e não Neri: este é um desconhecido. No entanto, tanto Mateus quanto Lucas diferem de 1 Cr 3,19-20: os nomes Abiud e Resá não aparecem entre os filhos de Zorobabel. As soluções que se deram para tais divergências são as seguintes: a) Melqui, por levirato, casou-se com a viúva de Joaquim (este nome não aparece em Mt 1,11-12; v. item 2.1 e nota 18 deste artigo), pai de Jeconias, gerando Neri. Portanto, Jeconias seria irmão de Neri por parte de mãe. Morrendo Neri, Jeconias casou-se com a sua viúva, gerando com esta Salatiel (PLUMMER, 104;

---

<sup>5</sup> Por exemplo: JUSTINO, *Dial.* 100; INÁCIO, *Eph.* 18; IRENEU, *Adv. Haer.* 3.21.5; ORÍGENES, *Contra Celsum* 2.32 (PG 2, 852); EPIFÂNIO, *Haer.* 51.11; AGOSTINHO, *Contra Faustum* 1.2 (PL 42, 471-472), onde ele interpreta Rom 1,3 no sentido biológico.

<sup>6</sup> Esta tese teria sido formulada pela primeira vez por Ânio de Viterbo (c. 1490), em seu comentário sobre a obra *Breviarium de Temporibus*, de Fílon.

<sup>7</sup> A citação de *y. Hag. 77d* foi feita primeiramente por JOHN LIGHTFOOT (*Horae Hebraicae et Talmudicae in quatuor Evangelistas*, Leipzig, 1679). Existe uma repetição sintetizada do mesmo relato em *y. San.* 23c. Por outro lado, a tese de que o pai de Maria chama-se Eli se choca com a tradição cristã do século II d.C., expressa no Protoevangelho de Tiago, no qual o pai de Maria chama-se Joaquim, não Eli. CORNÉLIO À LAPIDE (*The Great Commentary, Luke 3:23*, London, 1890<sup>4</sup>) tenta conciliar Eli com esta tradição, considerando que este nome pode ser uma abreviação de Eliaquim, o qual se trata de uma alternativa para o nome Joaquim (v. 2 Re 23,34 e 2 Cr 36,4). Em contrapartida, JOÃO DAMASCENO (*Fide Orthodoxa* 4.14) afirma que Eli foi primo de José, e PATRIZZI, 98, partindo de uma análise do texto de João Damasceno, entende que José foi tio de Maria.

<sup>8</sup> AGOSTINHO (*De Consensu Evang.* 2.4, PL 34, 1072-1073) já havia formulado esta proposta, muito embora, mais tarde, acabou desistindo dela (*Retractat.* 2.12, PL 32, 632-633). Recentemente, Y. LEVIN (“Jesus, Son of God and Son of David: The Adoption of Jesus into the Davidic Line”, *JSNT* 28.4 [2006] 415-442) demonstrou que esta tese pode ser desconsiderada, porque este sistema de adoção era desconhecido da Lei Judaica na época do nascimento de Jesus.

MARSHALL, 163); b) não se tem dado explicação para que um tal Abiud seja filho de Zorobabel, mas, para Resá, tem-se pensado que este nome deve ser entendido como um atributo de Zorobabel, o qual teria sido “príncipe” — em aramaico *re'sa'* — de Judá, como era o seu antecessor Sesbazar (Esd 1,8). Conforme este pensamento, Joanan deve ser identificado com Ananias, filho de Zorobabel (1 Cr 3,19.21), pois Joanan é uma forma nominal alternativa para Ananias (ambos significam “Deus é misericordioso”). Assim, o conjunto Joanan-Resá-Zorobabel deve ser interpretado da seguinte maneira: Ananias (filho do) príncipe Zorobabel (HERVEY, 111-121).

Além disso, devemos observar mais um detalhe importante: a possibilidade de se encontrar duas quebras na genealogia de Mateus. Elas são as seguintes: a) entre Josias-Jeconias e Jeconias-Salatiel, se considerarmos Josias-Jeconias como Josias-Joaquim (1 Cr 3,15-16); b) e entre Jacó-José e Maria-Jesus (Mt 1,16). Deste modo, no primeiro caso a quebra implica considerar o primeiro Jeconias como Joaquim e o segundo Jeconias como sendo o filho de Joaquim, de maneira que o início do terceiro conjunto estaria supondo que o evangelista separou duas fases históricas: a de Davi até Joaquim e a de Jeconias (filho de Joaquim) até Jesus. Esta interpretação supõe que as expressões “no tempo da deportação para a Babilônia” (Mt 1,11) e “após a deportação da Babilônia” (Mt 1,12) estão a indicar esta possibilidade (HAGNER, 6). No segundo caso existe a proposta de se ignorar a geração José-Jesus, colocando-se Maria entre estes, já que José foi apenas o pai adotivo de Jesus. Este procedimento aumenta o número de ancestrais de Jesus para quatorze no terceiro conjunto.

## **1.2 Objeções às teses e soluções para as genealogias de Jesus**

Na realidade, todas estas tentativas não são convincentes, tendo em vista as seguintes objeções: a) não se pode admitir que os reis relacionados por Mateus fossem tão insignificantes a ponto de Lucas desprezá-los. Ou seja, de um modo ou de outro, se os reis eram verdadeiros ascendentes de Jesus, jamais Lucas poderia desviar para Natan. Sendo assim, não haveria motivos, inclusive, para que Lucas desprezasse os descendentes de Salomão próximos de José, ou seja, Matan e Jacó, já que vinham de um ramo mais importante; b) a hipótese de Africano é bastante sedutora em seus argumentos, e até mesmo bem versátil no detalhe de que ela pode ser concebida não só partindo-se do lado de Mateus como do lado de Lucas, da seguinte maneira: Matat, descendente de Natan, gerou Eli; após a sua morte, sua mulher casa-se com Matan, descendente de Salomão; desta união nasce Jacó; ao morrer Jacó, Eli casa-se com a sua viúva, o qual acaba gerando José, mas, legalmente, é

Jacó o pai de José. Nesta alternativa, Mateus nos dá a linhagem legal e Lucas a natural.<sup>9</sup> Obviamente, Africano deve ter optado pela alternativa de Mateus porque este evangelho relaciona os reis de Judá como ascendentes de Jesus, preferindo dar uma qualidade régia a este último. No entanto, a tese de Africano possui um grave defeito: ela se restringe apenas a uma parte das gerações, esquecendo-se de todo o restante e ignorando o problema da presença de Salatiel e Zorobabel em ambas as listas, o qual ressalta os fatos de que, contraditoriamente, a genealogia de Mateus é composta de reis, de Salomão até Jeconias, enquanto a de Lucas não, e de que os nomes antes de Salatiel e após Zorobabel são totalmente diferentes entre as listas; c) a proposta do levirato entre Melqui e Joaquim poderia dar um acabamento para a tese de Africano. Porém, ela é facilmente desconstituída no momento em que percebemos que o filho de Joaquim foi ignorado por Mateus (na realidade, o Jeconias de Mt 1,11-12 é Joaquim, pai de Jeconias; v. item 2.1 e a parte final da nota 18 deste artigo) e o fato de que o pai de Melqui e Joaquim teria de ser obrigatoriamente o mesmo (em Mateus é Josias e em Lucas é Adi). Acrescente-se ainda que esta proposta traz uma outra complicação: o levirato entre Melqui e Salatiel causa o retorno para a lista de Lucas, considerando-se que Abiud é desconhecido. Este retorno a Lucas acaba invalidando completamente Mateus a partir de Abiud;<sup>10</sup> d) também fica difícil aceitar a tese de que Resá seja apenas um atributo ao invés de um nome, tendo em vista que Resá tem de ser obrigatoriamente um antepassado para que se complete a quantidade exata de vinte nomes na primeira parte do grupo de quarenta nomes onde se encontram os ascendentes desconhecidos de Jesus (excluindo-se Zorobabel e Salatiel; v. Lc 3,23-31, e item 2.2 deste artigo). Ademais, o nome Jodá, que antecede Joanan, não aparece na lista dos filhos de Ananias em 1 Cr 3,21. Este detalhe nos leva à conclusão de que o Joanan que está na genealogia de Lucas não é Ananias (JEREMIAS, 296); e) a hipótese de que Mateus nos dá os ancestrais de José, e, Lucas, os de Maria, não possui fundamento, pois os evangelistas não estavam preocupados com esta distinção: tanto um como o outro desejavam explicitar as genealogias de José, e com bastante veemência. A insistência de que é José o descendente de Davi está bem expressa em Mt 1,20 e em Lc 1,27; 2,4. Sobre a origem

---

<sup>9</sup> HERVEY, 13, defende esta tese alternativa, contrária à de Africano, de que Mateus nos dá a linha legal e Lucas a linha natural. Apesar disso, há outros estudiosos que preferem criar novos leviratos. É o caso de J. MASSON (*Jésus, Fils de David dans les Généalogies de Saint Mathieu et de Saint Luc*. Paris: Téqui, 1982, 42-55). No entanto, a criação de mais leviratos não exime da possibilidade de inversão (v. VALDEZ, A. "Response to the article Some Questions Regarding Adylson Valdez' Treatment of the Genealogies of Jesus", *Living Tradition* 161 [Nov. 2012] 1-4, esp. 3).

<sup>10</sup> Pode-se pensar que Mateus pulou os filhos de Zorobabel, saltando para Abiud, fazendo também desta forma entre alguns dos demais nomes subsequentes, com a finalidade de reduzir o número deles para 14. Mas, mesmo assim, os nomes que ele relaciona nunca coincidem com os de Lucas, o que em algum momento deveria acontecer, ainda mais porque Lucas nos dá um número de nomes mais confiável.

de Maria eles nada declaram. Este fato teve uma razão bem evidente: entre os judeus, uma genealogia somente poderia ser formada por meio dos varões ancestrais do pai do descendente em questão. Por isso, ambas as genealogias, para que tivessem credibilidade, não poderiam se basear em ascendentes da mãe de Jesus;<sup>11</sup> f) ademais, se é biológica e teologicamente necessário que Maria seja da tribo de Judá e descendente de Davi, então, no lugar de se procurar explicações complicadas, como a do levirato, seria preferível imaginar hipoteticamente que Maria poderia ser descendente por meio de um dos outros filhos restantes de Davi, além de Salomão e Natan (v. 1 Cr 3,1-9);<sup>12</sup> g) sendo evidente que os evangelistas tinham que explicitar somente genealogias de José e que Maria poderia ter origem em um outro filho de Davi, as hipóteses de linhagens legais e naturais, de adoção e de justaposição genealógica incorreta ficam sem sentido, tratando-se, na realidade, de teses forçadas e imaginosas, criadoras de suposições que ultrapassam o texto dos evangelhos e a intenção original dos evangelistas. O mesmo se deve dizer com relação à ideia do levirato; h) também, *Hagigah* 77d não serve para se pensar que a personagem chamada Maria que ali surge seja a mãe de Jesus, pois este texto se refere à filha de Eli Bitsalim, vista num sonho por um homem santo judeu. A personagem ali comparece com uma função meramente figurativa, e, conforme o contexto, parece relacionar-se com um feitiço. Portanto, não existe nenhuma possibilidade de identificação e confirmação;<sup>13</sup> i) com relação à primeira quebra, entre Josias-Jeconias e Jeconias-Salatiel, a hipótese que considera o primeiro Jeconias como Joaquim e o segundo Jeconias como sendo o filho de Joaquim é interessante, mas não leva em conta que o padrão do evangelista é repetir um mesmo ancestral de geração em geração, de maneira que o Jeconias do início do terceiro conjunto só pode ser o Jeconias do final do segundo conjunto. Ademais, fica sem sentido ignorar-se a ausência da geração intermediária Joaquim-Jeconias, tendo em vista que o evangelista segue sempre uma linha sucessiva de ancestrais, sem interrupção. Por outro lado, vale dizer que quem foi deportado para a Babilônia foi Jeconias, não Joaquim (2 Re 24,10-17). Desta forma, “no tempo da deportação para a Babilônia” Josias jamais poderia ter gerado Joaquim e seus irmãos (cf. 2 Re 22-23). Assim, para o evangelista,

---

<sup>11</sup> As genealogias teriam que ser feitas pelo pai e respectivos varões ancestrais, mesmo que o descendente em questão fosse uma mulher, como vemos em 1 Cr 2,34-41 e Jdt 8,1.

<sup>12</sup> No entanto, deve-se lembrar que Lc 1,5.36 parece insinuar que Maria era de linhagem sacerdotal, pois Isabel, uma descendente de Aarão, era sua parenta. Apesar disso, conforme J. A. FITZMYER (*The Gospel according to Luke I-IX*. Garden City/New York: Doubleday, 1981-1985, v. I, 357), existe muita probabilidade de que tal insinuação seja uma criação de Lucas.

<sup>13</sup> No texto de *y. Hag. 77d* está “Miriam, a filha de Eli Bitsalim”. Este último nome pode ser traduzido por “Eli Cebola”. Na passagem, Miriam surge no sonho de um judeu santo, pendurada pelos mamilos de seus seios, em cuja orelha ficará fixado o pino do portão da Geena até que venha Simeão bar Shatah. Notadamente, a personagem é bastante alegórica, representando alguma situação imoral, ocorrente na época em que o texto foi escrito.

o Jeconias do tempo da deportação é o mesmo do tempo após a deportação, pois a deportação ocorreu somente na época de Jeconias; j) por fim, com referência à segunda quebra, entre Jacó-José e Maria-Jesus, sem dúvida o evangelista, em Mt 1,16, deseja afirmar que Jesus é filho somente de Maria. Mas, mesmo que seja assim e que o número de ancestrais aumente para quatorze, a substituição de José por Maria em nada modifica o número total de gerações do terceiro conjunto, ou seja, serão sempre treze gerações, de qualquer forma. Assim, a proposta da segunda quebra não nos convence de que o terceiro conjunto possua quatorze gerações. Diante disto tudo, podemos concluir que todas aquelas teses são inválidas. Na realidade, seja por análise separada, seja pelas tentativas de harmonização, as duas listas são inconciliáveis, e, sem dúvida, Lucas não conhecia a lista de Mateus, e nem este a de Lucas.<sup>14</sup> Devido a esta conclusão, é necessário formular outras teses que sejam mais lógicas para explicar as genealogias de Jesus. A seguir tentaremos empreender a esta formulação, por meio de uma análise minuciosa que leve em consideração: a) os sistemas empregados pelos evangelistas para formar as listas; b) a morfologia e os significados dos nomes que as compõem; c) a comparação entre os nomes das listas e outros nomes bíblicos; d) e as possíveis relações históricas, bíblicas, teológicas, analógicas e tipológicas que as envolvem. Então, passemos às análises.

## **2. Análise das genealogias de Jesus**

### **2.1 A genealogia de Mt 1,1-17**

A genealogia de Mt 1,1-17 pretende demonstrar, principalmente, que Jesus Cristo tem uma ascendência régia, representada por Davi e seus reis descendentes, reivindicando-lhe o direito de herança ao trono de Davi e a qualidade de Messias. Mas, secundariamente, visa afirmar que Jesus era um legítimo judeu, por meio da figura de Abraão. Além destes objetivos explicitamente declarados no primeiro versículo, o evangelista parece querer dar à sua genealogia um aspecto de perfeição, ao observar no versículo 17 que existem três conjuntos de gerações, formados, cada um, pelo número 14, totalizando quarenta e duas gerações. Aparentemente este acabamento numérico deixaria transparecer que a linhagem régia, a

---

<sup>14</sup> Conforme BRUNER, 15, a recomendação atual da maioria dos estudiosos é não tentar harmonizar as genealogias.



cronologia e a história judaica foram determinadas por um plano divino oculto e perfeito.<sup>15</sup> Vejamos como se compõem estes conjuntos, obedecendo-se à configuração de Mt 1,2-16 e transpondo para o português da maneira que seja mais próxima do original grego:

1. Abraão, Isaac, Jacó, Judá, Farés, Esrom, Aram, Aminadab, Naasson, Salmon, Boez, Jobed, Jessé, Davi.
2. Davi, Salomão, Roboão, Abias, Asaf, Josafá, Jorão, Ozias, Joatão, Acaz, Ezequias, Manassés, Amós, Josias, Jeconias.
3. Jeconias, Salatiel, Zorobabel, Abiud, Eliaquim, Azor, Zadoc, Aquim, Eliud, Eleazar, Matan, Jacó, José, Jesus.

Notadamente, ao contrário do que afirma o evangelista no versículo 17, na realidade o que existe em Mt 1,2-16 são quatorze nomes no primeiro conjunto, quatorze gerações no segundo (o qual, portanto, possui quinze nomes) e quatorze nomes no terceiro.<sup>16</sup> Desta forma, o único que contém quatorze gerações é o segundo conjunto, sendo que os demais se compõem de treze gerações cada um, totalizando quarenta gerações, ao invés de quarenta e duas (v. Quadro n. 1 ao final deste artigo).<sup>17</sup> Além disso, o evangelista omitiu alguns reis, que foram Ocozias, Joás e Amasias, entre Jorão e Ozias, bem como considerou intencionalmente o rei Joaquim como se fosse Jeconias, que foi seu filho e sucessor, fazendo com que este “Joaquim-Jeconias” se tornasse pai de Salatiel.<sup>18</sup> Também eliminou Ananias, Mesulão,

---

<sup>15</sup> Alguns estudiosos afirmam que Mateus adotou o número 14 porque pensava na gematria do nome Davi, a qual resulta em 14 (JEREMIAS, 292). DAVIES e ALLISON, 165, entendem que o nome Davi é a chave para o padrão numérico da lista de Mateus, porque ele surge no décimo quarto lugar e porque possui três consoantes, simbolizando os três conjuntos ou períodos históricos de quatorze gerações. No entanto, o mais lógico seria pensar que o padrão numérico de Mateus nasceu da simples observação do evangelista de que o primeiro conjunto, propositalmente iniciado e terminado por nomes importantes, ou seja, Abraão e Davi, somava quatorze nomes. Devido a este fato, resolveu impor este padrão aos demais conjuntos, nem que fosse de maneira aparente e artificial, com o intuito de dar a impressão de que houve ciclos históricos perfeitos (HAGNER, 8).

<sup>16</sup> Os conjuntos de gerações poderiam ter sido formados da seguinte maneira: a) de Taré-Abraão (Gn 11,27) até Jessé-Davi; b) de Davi-Salomão até Josias-Joaquim (1 Cr 3,15-16); c) e de Joaquim-Jeconias até José-Jesus. O aparente engano de Mt 1,17 deve-se ao desejo forçado de iniciar por Abraão (Mt 1,1), de suprimir alguns nomes e de dividir a lista em três fases históricas com números simbólicos idênticos.

<sup>17</sup> O evangelista acrescentou a geração Josias-Jeconias no final do segundo conjunto (Mt 1,11). Devido a esta decisão, o segundo conjunto acabou sendo formado realmente de quatorze gerações.

<sup>18</sup> A supressão de Ocozias, Joás e Amasias pode ter sido o resultado de uma atitude purista do evangelista, considerando que esses reis foram pecadores (2 Cr 22,3-4; 24,17-27; 25,14-16), ou de um erro (JEREMIAS, 294). Também há quem pense que a eliminação se deu porque aqueles reis foram assassinados. Quanto à supressão de Joaquim, entende-se que houve um erro por causa da semelhança entre os nomes de Joaquim e Jeconias, também chamado Joaquim (v. 2 Cr 36,9-10). J. NOLLAND (“Jechoniah and His Brothers [Matthew 1:11]”, *BBR* 7 [1997] 169-178) afirma que a expressão “Josias gerou Jeconias e seus irmãos” de Mt 1,11 — a qual seria errônea, já que Josias, na realidade, foi avô de Jeconias, e este teve apenas um irmão, como se vê em 1 Cr 3,15-16 — indica que Mateus subentendia secundariamente em Jeconias o seu pai Joaquim para que pudesse evocar aspectos significativos do período da conquista babilônica e abranger as duas gerações finais da monarquia de Judá. No entanto, a bem da verdade, parece que Mateus queria simplesmente que o rei Joaquim fosse confundido com Jeconias, para que pudesse saltar diretamente para Salatiel. Desta forma, do ponto de vista da intenção do evangelista, o início do terceiro conjunto estaria “correto”, já que Jeconias foi pai de Salatiel (v. 1 Cr 3,17), e a expressão “Josias gerou Jeconias e seus irmãos” não estaria errada, pois o “Joaquim-Jeconias” de Mateus realmente teve três irmãos (v. 1 Cr 3,15).

Secanias, Nearias e Elioenai, descendentes principais que ocorreram após Zorobabel. Encontramos estes nomes faltantes em 1 Cr 3,10-24. Assim, ele suprimiu pelo menos nove personagens, com a finalidade óbvia de conformar sua genealogia ao princípio do número 14. O mesmo se pode dizer com relação aos nove nomes relacionados entre Zorobabel e José: no mínimo, teria de haver, neste interregno, cerca de vinte gerações, considerando-se o espaço de quase seiscentos anos (JEREMIAS, 294; e BROWN, 93).<sup>19</sup> A fonte inicial do evangelista para compor a sua lista pode ter sido 1 Cr 1–3, com a exceção de que preferiu seguir a tradição de Ag 1,1, Esd 3,2 e Ne 12,1, com relação a Salatiel, uma vez que 1 Cr 3,19 afirma que o pai de Zorobabel era Pedafias, não Salatiel.<sup>20</sup> Os nomes que se encontram entre Zorobabel e José formam um conjunto de nove antepassados desconhecidos. A seguir analisaremos cada um deles.

*Abiud* é um nome que se repete somente em 1 Cr 8,3, remetendo a um dos netos de Benjamin, filho de seu primogênito Bela. Como esta personagem tem descendência em Jacó e ascendência no rei Saul (1 Sam 9,1-2; 1 Cr 8,33; 9,39), e Benjamin é constantemente mencionado com Judá (2 Cr 15,2.8-9; 25,5; 31,1; Esd 4,1-2; 10,9), a presença deste nome na lista pode estar indicando uma vinculação de Jesus à qualidade régia da tribo de Benjamin, companheira de Judá (v. 1 Re 12,21; 2 Cr 11,10-12.22-23), e talvez tenha a ver com o nome José, que lembra o irmão de Benjamin e o pai de Jesus. *Eliaquim* remete ao rei de Judá, filho de Josias, também chamado Joaquim, encontrado em 2 Re 23,34 (v. 2 Cr 36,5-8). Em Mt 1,11-12, este rei aparece com o nome de Jeconias (v. o final da nota 18 deste artigo). *Azor* é oriundo da mesma raiz do nome Azarias, referente ao rei de Judá, também chamado Ozias (1 Cr 3,12; 2 Cr 26; 2 Re 14,21-22; 15,1-7), o qual está em Mt 1,8-9.<sup>21</sup> *Zadoc* remete ao sacerdote de Davi, em 1 Cr 6,8 e 18,16 (v. 2 Sam 8,17).<sup>22</sup> *Aquim* é uma abreviação de Aquimaás, que se refere ao filho do sacerdote Zadoc, aliado de Davi, como vemos em 1 Cr 6,8-9 e 6,53 (v. 2 Sam 17,17). Então, não é por acaso que em Mt 1,14 Aquim é descendente de um tal Zadoc. *Eliud* não se repete na Bíblia. Porém, parece que este nome está relacionado com Abiud (Mt 1,13), já que ambos se aproximam pelos significados: Abiud, “Pai de louvor”, e Eliud, “Deus é meu louvor”. Ademais, excluindo-se Jesus, eles encabeçam dois subgrupos

---

<sup>19</sup> Na realidade, o total da contagem dos anos entre as gerações pode ser bem maior (VALDEZ, A. “Response to the article Some Questions Regarding Adylson Valdez’ Treatment of the Genealogies of Jesus”, *Living Tradition* 161 [Nov. 2012] 1-4, esp. 2).

<sup>20</sup> Conforme DAVIES e ALLISON, 180, Mateus deve ter adotado a LXX, pois esta coloca Salatiel como pai de Zorobabel em 1 Cr 3,19.

<sup>21</sup> Azor pertence à mesma raiz dos nomes Azarias (2 Cr 29,12), Azur (Jr 28,1; Ez 11,1) e Azareel (1 Cr 12,6).

<sup>22</sup> Neste artigo adotou-se a numeração da Vulgata para os versículos dos capítulos 5 e 6 de 1º Crônicas. No Texto Massorético e na LXX, 1 Cr 6,1-15 corresponde a 5,28-41 e 1 Cr 6,16-81 a 6,1-66.

de cinco nomes: de Abiud a Aquim e de Eliud a José.<sup>23</sup> *Eleazar* lembra o filho de Aarão e antecessor de Zadoc, em 1 Cr 6,3 (v. Nm 20,24-28 e Dt 10,6).

Dentre os sete nomes acima citados, é importante perceber que Eliaquim surge em Mt 1,11-12 na forma de Jeconias, e Azor ou Azarias na forma de Ozias em Mt 1,8-9. Também deve-se observar a relação que existe entre Abiud e José (Mt 1,16), Zadoc e Aquim, Eliud e Abiud, Eleazar e Zadoc (Mt 1,14). É interessante notar que os nomes Azarias, Zadoc e Aquimaás surgem juntos em 1 Cr 6,8-10. Talvez esta passagem tenha inspirado o evangelista para compor o conjunto Azor-Zadoc-Aquim de Mt 1,14.

Por fim, acrescentemos que o nome Matan (Mt 1,15) pode estar abreviando o nome Matanias, o qual designa o último rei de Judá antes do exílio babilônico, também chamado Sedecias, filho de Josias e irmão de Eliaquim ou Joaquim, constante de 2 Re 24,17 e 2 Cr 36,11 (nesta passagem Sedecias foi confundido com o irmão de Jeconias, filho de Eliaquim).<sup>24</sup> Esta última observação parece ser significativa para o entendimento da lista de Mt 1,13-15: à semelhança do que ocorreu na história de Judá, Matan ou Matanias é o último membro da lista intermediária, preparando-a para Jacó e José (Mt 1,15-16), nomes que também remetem a um outro exílio hebreu, que foi o do Egito (Gn 25,26; 30,22-24; Ex 1,1-14; 1 Cr 2,1-2). Aliás, esta relação intencional analógica fica confirmada com Mt 2,13-15 (o refúgio de José e Jesus no Egito).

Diante de todas estas observações, podemos aventar a hipótese de que os nove nomes constantes de Mt 1,13-16, desde Abiud até Jacó, possuem um fundo histórico-teológico que remete às linhagens sacerdotal, benjaminita e davídica. Parece que este fundo determina uma analogia tipológica entre o exílio dos judeus e o de Jesus no Egito, com os nomes de Matan (Matanias), Jacó e José.<sup>25</sup> É possível que alguns nomes tenham sido abreviados (Azarias-Azor, Aquimaás-Aquim, Matanias-Matan) e repetidos por meio de modificações (Joaquim-Jeconias-Eliaquim, Ozias-Azarias-Azor e Abiud-Eliud) com a simples finalidade de preencher os espaços e completar o número perfeito de quatorze nomes no terceiro grupo. A possibilidade desta técnica se confirma com as identificações que existem entre alguns nomes

---

<sup>23</sup> DAVIES e ALLISON, 181, observam que o nome Eliud aparece no texto da LXX do Códice Alexandrino, em 1 Cr 12,20-21. Mas provavelmente trata-se de um erro do copista, pois nos demais códices da LXX está Elimuth e, no Texto Massorético, Eliú.

<sup>24</sup> Matan também é o nome de um sacerdote do deus Baal (v. 2 Re 11,18; 2 Cr 23,17). K. H. RENGSTORF (*Das evangelium nach Lukas*. Göttingen: NT Deutsch 3, 1965, 60) supõe que o nome Matan tem a ver com o nome Matat, que está em Lc 3,24, o qual, como Matan, antecede o avô de Jesus. JEREMIAS, 292, afirma que não se pode ter certeza disto, pois o Matat de Lucas pode não ser original. A bem da verdade, considerando-se a formação de todo o conjunto genealógico de Mateus, a tradição que este adotou é visivelmente independente da de Lucas. Portanto, tal hipótese não tem razão de ser.

<sup>25</sup> A função tipológica do grupo Jacó-José-Jesus já havia sido observada por H. C. WAETJEN (“The Genealogy as the Key to the Gospel according to Matthew”, *JBL* 95 [1976] 205-230, esp. 225-227).

e especialmente com a função interna tipológica de Matan (v. Quadro n. 2 ao final deste artigo).

## 2.2 A genealogia de Lc 3,23-38

No texto que agora analisaremos não encontramos uma declaração dos objetivos do evangelista para apresentar sua genealogia. Porém, podemos afirmar, em linhas gerais, que existe o intuito de indicar a linhagem davídica, bem como a origem ou natureza humana e divina de Jesus, devido à menção dos nomes de Davi, Adão e Deus, mas especializando-o à raça hebreia pelo nome de Abraão.<sup>26</sup> A lista, formada por setenta e sete nomes principais, pode ser dividida em três grupos, sendo que o primeiro contém sete nomes e os demais são compostos por trinta e cinco nomes cada um, subdivididos em cinco grupos de sete nomes, totalizando setenta nomes. No final da lista, o nome de Deus aparece como um excedente culminante. Vejamos então como eles estão dispostos, separando-os por grupos e subgrupos, respeitando-se ao máximo a forma original grega na transposição para o português:<sup>27</sup>

Grupo 1: Jesus, José, Eli, Matat, Levi, Melqui, Janai.

Grupo 2:

2.1. José, Matatias, Amós, Naum, Esli, Nagai, Maat;

2.2. Matatias, Semeín, Josec, Jodá, Joanan, Resá, Zorobabel;

2.3. Salatiel, Neri, Melqui, Adi, Cosão, Elmadão, Er;

2.4. Jesus, Eliezer, Jorim, Matat, Levi, Simeão, Judá;

2.5. José, João, Eliaquim, Meleá, Mená, Matatá, Natan.

Grupo 3:

3.1. Davi, Jessé, Jobed, Booz, Salá, Naasson, Aminadab;

3.2. Admin, Arni, Esrom, Farés, Judá, Jacó, Isaac;

3.3. Abraão, Taré, Nacor, Seruc, Ragau, Falec, Éber;

3.4. Salá, Cainão, Arfaxad, Sem, Noé, Lamec, Matusalém;

3.5. Enoc, Jaret, Maleleel, Cainão, Enós, Set, Adão.

Excedente: Deus.

---

<sup>26</sup> A colocação de Deus na lista de Lucas possui a intenção clara de afirmar que Jesus descende diretamente de Deus e que por isso era de natureza divina. Nenhuma outra lista genealógica do Antigo Testamento e de textos não canônicos menciona Deus. O texto veterotestamentário, de maneira geral, apresenta Deus meramente como criador. Portanto, para Lucas, Jesus não era somente filho do homem, por meio de Adão, mas também era filho de Deus, e o único que poderia ter Deus como seu ancestral genealógico.

<sup>27</sup> A lista de nomes de Lc 3,23-38 apresentada neste artigo está conforme a crítica textual de Nestle-Aland<sup>27</sup>.

O princípio formador da lista de Lc 3,23-38 é o número sete, o qual é repetido onze vezes para totalizar setenta e sete (sem contar Deus no final).<sup>28</sup> Na Bíblia, o número sete indica a plenitude, e, de fato, nos evangelhos, a vinda de Jesus significa a plenitude dos tempos (Mc 1,15; Mt 4,17; Lc 4,21; Jo 1,16), ou seja, a época em que as profecias e as promessas divinas se cumpriram.<sup>29</sup> E parece que Lucas deseja mostrar cronológica e historicamente esta condição de plenitude no número setenta e sete de sua genealogia.<sup>30</sup>

O grupo 1 deve ser destacado dos demais grupos por três razões: a) ele também parece ser um princípio formador, em especial para o segundo grupo, considerando-se que os nomes Jesus e José surgem como cabeças nos subgrupos 2.1, 2.4 e 2.5, e os nomes Melqui, Matat e Levi se repetem nos subgrupos 2.3 e 2.4; b) há nomes que possuem formas semelhantes, tanto no primeiro como no segundo grupo: José-Josec, Eli-Esli-Elmadão-Eliezer-Eliaquim, Matat-Matatias-Maat-Matatá, Melqui-Meleá e Janai-Jonão; c) e a sua separação permite a localização de Davi entre o segundo e o terceiro grupo, dentro do total simbólico de setenta nomes, o qual serve como marca divisória entre os seus descendentes, que levam direto a Jesus, e os seus ascendentes, que se dirigem para Deus. Dos nomes do grupo 1, na Bíblia existem Jesus, José, Eli, Levi e Janai (v. 1 Cr 5,12). Quanto a Matat, trata-se de uma abreviação de Matatias, e Melqui é uma abreviação de vários nomes bíblicos (v. a seguir).

O grupo 2 é peculiar porque possui certos nomes desconhecidos na Bíblia. Porém, entre estes, alguns se aproximam dos seguintes nomes: a) Josec: José (filho de Jacó: Gn 30,24; a correspondência simbólico-numérica estabelecida por Lucas entre estes dois nomes confirma a proximidade: v. mais adiante); b) Jodá: Judá (filho de Jacó: Gn 29,35); c) Resá: Reson (adversário de Salomão: 1 Re 11,23-25) e Resin (ou Rezin; rei da Síria: 2 Re 15,37;

---

<sup>28</sup> Como se verá a seguir, o sistema simbólico-numérico de Lucas exige a separação de Deus. Por outro lado, na lista de Lucas o isolamento de Deus parece ser necessário, tendo em vista que Deus transcende o gênero humano e porque somente Jesus pode ser Seu descendente legítimo.

<sup>29</sup> O significado de plenitude para o número sete foi atribuído primeiramente por AGOSTINHO (*De Gen. ad Litt.* 4.16 e *De Civitate Dei* 11.31). O evangelho de Lucas parece insinuar este significado em mais duas passagens: 8,2 (os sete demônios indicariam pleno domínio do Mal) e 10,1.17 (os setenta ou setenta e dois discípulos denotariam não só numerosidade como também plena ação e pleno poder do reino de Deus, como vemos nos vv. 18-20 do mesmo capítulo).

<sup>30</sup> Há escritos não canônicos que dividem a história do mundo em dez semanas de sete gerações cada uma, totalizando o número setenta, como 1 Enoc 93,1-10 (200 a. C.–50 d. C.). Outros dividem em doze períodos, como 2 Baruc 53–72 (110–120 d. C.), 4 Esdras 14,11 (70–120 d. C.) e Apocalipse de Abraão 29 (70–150 d. C.). Existem estudiosos que pressupõem a adoção deste último esquema por Lucas, misturado com o de 1 Enoc. Assim, o evangelista estaria relacionando onze períodos de sete, sendo que o décimo segundo período viria com a Era Messiânica (JEREMIAS, 292; BAUCKHAM, 315-373). Mas talvez o mais certo seria pensar que Lucas e Mateus apenas desejavam formar uma quantidade simbólica básica, ou seja, de setenta e quarenta, para depois acrescentar e destacar grupos especiais em cada genealogia: para Lucas os primeiros sete nomes (Jesus, José, Eli, Matat, Levi, Melqui e Janai, seguindo o seu princípio particular do sete) e para Mateus os dois últimos nomes (José e Jesus, que são os personagens principais dos seus dois primeiros capítulos).

16,5-9; 2 Cr 28,5); d) Neri: Ner (pai de Abner: 1 Sam 14,50-51; 1 Cr 9,39) e Nerias (pai de Baruc: Jr 32,12; 36,14); e) Melqui: Melquiel (1 Cr 7,31; Nm 26,45; Gn 46,17; também pode ser transliterado Malquiel), Melquirão (1 Cr 3,18; também Malquirão), Melquisua (1 Cr 9,39; também Malquisua), Melquisedec (Gn 14,18-20), Melquias (1 Cr 6,40; também Malquias); f) Adi: Adiel (1 Cr 4,36); g) Elmadão (que também pode ser transliterado Elmodão): Elmodad (Gn 10,26; 1 Cr 1,20; também transliterado Almodad); h) Jorim: Jorão (2 Cr 21; 2 Re 1,17); i) Jonão: Joanan (1 Cr 6,9-10; a correspondência simbólico-numérica estabelecida pelo evangelista entre estes dois nomes confirma a proximidade: v. mais adiante). Somente Esli, Nagai, Cosão, Meleá e Mená não possuem formas próximas na Bíblia.<sup>31</sup>

A título de referência e localização, mencionemos também os nomes conhecidos na Bíblia que estão no grupo 2: a) José: filho de Jacó (Gn 30,24); b) Matatias: um sacerdote macabeu (na LXX: 1 Mac 2,1), um levita (1 Cr 9,31) e um cantor (1 Cr 25,3); c) Amós: um profeta (Am 1,1; na LXX: Tb 2,6); d) Naum: um profeta (Na 1,1; na LXX: Tb 14,4); e) Maat: um levita (1 Cr 6,20; 2 Cr 29,12; 31,13); f) Semeín, na forma Semei: vários personagens; um filho de Pedaías e irmão de Zorobabel (1 Cr 3,19); g) Joanan: um guerreiro de Davi (2 Re 25,23), o filho de Josias (1 Cr 3,15), o filho de Elioenai (1 Cr 3,24) e um sacerdote (1 Cr 6,9-10); h) Zorobabel: um governador, descendente de Davi (1 Cr 3,19; Esd 2,2; Ne 7,7); i) Salatiel (também Sealtiel): pai de Zorobabel (1 Cr 3,17; Esd 3,2); j) Er: filho de Judá (Gn 46,12; 1 Cr 2,3); k) Jesus: o filho de Sirac (na LXX: Eclo 51,30 ou 18); l) Eliezer: vários personagens; filho de Moisés (Ex 18,4; 1 Cr 23,15.17); m) Levi: filho de Jacó (Gn 29,34); n) Simeão: filho de Jacó (Gn 29,33); o) Judá: filho de Jacó (Gn 29,35); p) Eliaquim: rei, filho de Josias (2 Re 19,2; 23,34); q) Matatá: Esd 10,33; r) Natan: um profeta (2 Sam 12,1; 1 Re 1,8), um filho de Davi (1 Cr 3,5; 2 Sam 5,14).

Outro detalhe dos grupos 1 e 2 é que neles existem subgrupos secundários, além dos subgrupos sucessivos, os quais se identificam pelas letras iniciais, embora com inversões, deslocamentos e possíveis repetição, modificação e acréscimo de um nome. Eles se destacam no momento em que formamos um novo grupo de quarenta nomes, ao juntarmos o grupo 1 com o grupo 2, mas excluindo-se os nomes de Zorobabel e Salatiel, que ficam no centro desta nova lista. Estes quarenta nomes compõem o grupo onde estão os ascendentes desconhecidos de Jesus. Para efeito de comparação, dividiremos este grupo de quarenta nomes em duas partes. A lista é a seguinte: a) primeira parte: Jesus, José, Eli, Matat, Levi, Melqui, Janai, José,

---

<sup>31</sup> No entanto, Esli possui certa semelhança com Eli (que pode ser confirmada pela relação simbólico-numérica do evangelista, pois de Eli a Esli há dez nomes). Também, o nome Nagai tem proximidade de significado com Neri: o primeiro significa “claridade”, “brilho” e “luz”, e, o segundo, “minha luz”. Talvez esta correspondência possa ser confirmada com o simbolismo numérico de Lucas, uma vez que de Nagai a Neri contam-se dez nomes.

Matatias, Amós, Naum, Esli, Nagai, Maat, Matatias, Semeín, Josec, Jodá, Joanan, Resá; b) centro: Zorobabel e Salatiel; c) segunda parte: Neri, Melqui, Adi, Cosão, Elmadão, Er, Jesus, Eliezer, Jorim, Matat, Levi, Simeão, Judá, José, Jonão, Eliaquim, Meleá, Mená, Matatá, Natan.

Vejamus então, dentro das duas partes deste grupo, quais são os subgrupos secundários: a) J-J-E-M-L correspondente a J-E-J-M-L: Jesus-José-Eli-Matat-Levi correspondente a Jesus-Eliezer-Jorim-Matat-Levi (inversão de José-Eli para Eliezer-Jorim); b) S-J-J-J correspondente a S-J-J-J: Semeín-Josec-Jodá-Joanan correspondente a Simeão-Judá-José-Jonão (inversão de Josec-Jodá para Judá-José); c) E-N-M-M correspondente a E-M-M-M-N: Esli-Nagai-Maat-Matatias correspondente a Eliaquim-Meleá-Mená-Matatá-Natan (deslocamento em Nagai-Natan; possível repetição de Meleá, mas modificando-o para Mená; acréscimo de um nome, ou seja, Mená, provavelmente para formar trinta e cinco nomes no grupo 2; modificação da forma em Matatias-Matatá);<sup>32</sup> d) M-A-N correspondente a N-M-A: Matatias-Amós-Naum correspondente a Neri-Melqui-Adi (deslocamento em Naum-Neri). É interessante notar que os subgrupos J-J-E-M-L e S-J-J-J surgem separados na primeira parte do grupo de quarenta nomes (no início e no fim) e juntos na segunda parte (no centro), mas com J-J-E-M-L na forma J-E-J-M-L. O subgrupo E-N-M-M surge antes do subgrupo S-J-J-J na primeira parte, e após ele na segunda parte, na forma E-M-M-M-N. Quanto ao subgrupo M-A-N, aparece após J-J-E-M-L na primeira parte e antes dele na segunda parte, na forma N-M-A, mas com J-J-E-M-L na forma J-E-J-M-L.

Outra coisa interessante entre os grupos 1 e 2 é a repetição de nomes após um certo intervalo numérico, contando-se sucessivamente, podendo haver várias combinações, tanto na ordem reta como na inversa: a) seis grupos de 7, em ordem reta: de Jesus a Janai = 7, o próximo é José; de José a Maat = 7, o próximo é Matatias; de Matatias a Zorobabel = 7, o próximo é Salatiel; de Salatiel a Er = 7, o próximo é Jesus; de Jesus a Judá = 7, o próximo é José; de José a Natan = 7, o próximo é Davi; b) seis grupos de 7, em ordem inversa: de Davi a Jonão = 7, o próximo é José; de José a Eliezer = 7, o próximo é Jesus; de Jesus a Neri = 7, o próximo é Salatiel; de Salatiel a Semeín = 7, o próximo é Matatias; de Matatias a Matatias = 7, o próximo é José; de José a José = 7, o próximo é Jesus; c) quatro grupos de  $7 \times 4 = 28$ , em ordem reta: de Jesus a Er = 28, o próximo é Jesus; de Matat a Jorim = 28, o próximo é Matat; de Levi a Matat = 28, o próximo é Levi; de José a Judá = 28, o próximo é José; d) quatro grupos de  $7 \times 4 = 28$ , em ordem inversa: de José a Matatias = 28, o próximo é José; de Levi a

---

<sup>32</sup> Conforme A. SCHLATTER (*Das Evangelium des Lukas*. Stuttgart: 1931, 218), teria ocorrido uma ditografia em Meleá-Mená.

Melqui = 28, o próximo é Levi; de Matat a Levi = 28, o próximo é Matat; de Jesus a José = 28, o próximo é Jesus; e) dois grupos de 7, tanto na ordem reta como na inversa: de José a José = 7; de Matatias a Matatias = 7; f)  $6 \times 3 = 18$ : de Melqui a Neri = 18, o próximo é Melqui. Em nomes parecidos: a)  $5 \times 2 = 10$ : de José a Josec = 10; de Eli a Esli = 10; b)  $6 \times 3 = 18$ : de Jodá a Judá = 18; de Semeín a Levi = 18, o próximo é Simeão; de Joanan a José = 18, o próximo é Jonão; c)  $7 \times 4 = 28$ : Eli a Eliezer = 28. Destas possibilidades numéricas percebemos que despontam alguns nomes-chave, ou seja, os mais repetidos: José, Matatias, Jesus, Levi e Matat.<sup>33</sup> Talvez possamos dizer que a colocação numérica destacada de nomes-chave repetidos deve ter-se baseado nos seus respectivos significados: José, “ele acrescenta”; Matatias, “presente de Deus”; Jesus, “Deus salva”; Levi, “ligado”; Matat, “presente”. Mas alguns outros repetidos, às vezes modificados, também têm significados importantes: Melqui, “meu rei”; Eli, “oferenda”; e Judá, “louvor do Senhor”. Todos eles remetem à ideia de sacerdócio e governo messiânico, assim como ao fato de que Jesus é um “presente de Deus” (Matatias), por meio de José (aquele que acrescenta).

De toda esta análise concluímos que os grupos 1 e 2 estão sistematizados da seguinte maneira: a) uma parte dos nomes que se sucedem após o grupo 1, de José até Natan, segue o padrão dos nomes que compõem o grupo 1; b) eles também se aproximam de nomes constantes do Antigo Testamento, havendo em parte nomes idênticos e em parte formas abreviadas e um pouco modificadas; c) a localização dos nomes respeita uma organização por meio de alguns subgrupos secundários de letras iniciais, que foram postos distanciados ou próximos, de forma alternada, conforme duas metades de um grupo de quarenta nomes, separados por Zorobabel e Salatiel, que estão no centro deste grupo; d) e a ordenação também seguiu um sistema de nomes-chave que se repetem após uma sequência numérica de sete, vinte e oito, dezoito e dez, abrangendo alguns nomes semelhantes na forma.

Devemos salientar um outro detalhe importante na formação dos grupos 1 e 2. Este detalhe é o desvio para Natan. Sem dúvida, este desvio determina que Jesus não é descendente de nenhum dos reis que reinaram depois de Davi. Talvez esta determinação indique uma intenção de desqualificar o reino de Jesus como essencialmente político e humano, ou seja, o reino de Jesus é puramente espiritual e não participa dos pecados históricos e notórios da monarquia israelita. Por outro lado, o desvio para Natan pode ter sido resultado da leitura de Za 12,12.

---

<sup>33</sup> J. E. BRUNS (“Matthew’s Genealogy of Jesus”, *The Bible Today* 1 [Dec. 1964] 980-985) já havia observado a existência de nomes significativos dentro do intervalo de setenas, como José, Salatiel e Jesus.



Com referência ao grupo 3, pode-se perceber que foi copiado de algum texto defeituoso de 1º Crônicas, que teve como fonte a *Septuaginta*, considerando-se os erros na escrita dos nomes e a colocação repetida de Cainão (a *Septuaginta* repete este nome entre Arfaxad e Salá em 1 Cr 1,24) (KUHN, 216).<sup>34</sup> Parece que este texto defeituoso foi conveniente para o evangelista, especialmente para fazer valer seus princípios numéricos de setenas e de intervalos, pois, na ordem inversa, a repetição de Cainão após oito nomes propicia que sejam completados trinta e cinco nomes até Davi, assim como permite continuar grupos de sete com nomes-cabeça importantes, como Enoc e Abraão. Também, dentro do intervalo de setenas, em ordem inversa, surgem como nomes principais: Enoc, Salá, Abraão e Admin. O início e o fim da lista são sinalizados por Deus (um excedente) e Davi, enquanto no meio encontra-se Abraão (detalhe que também é suscitado pela repetição de Cainão).

No grupo 3, chamam atenção os nomes Admin e Arni. Costuma-se dizer que o primeiro nome é uma abreviação de Aminadab (KUHN, 217, n. 2).<sup>35</sup> No entanto, parece que ele tem mais a ver com uma formação feita a partir da mesma raiz de Admá (Gn 10,19; Dt 29,23), Adumim (Jos 15,7) e Adão (Gn 3,20).<sup>36</sup> Uma configuração simbólico-numérica que pode confirmar a relação de raiz entre estes nomes é o fato de que de Admin a Adão existem vinte e oito nomes (ou seja, 7 x 4). Por outro lado, pelo fato de que Admin não aparece em 1 Cr 2,10, talvez ele seja um simples acréscimo para permitir que nos grupos 3.3 e 3.5 surjam os nomes-cabeça Abraão e Enoc, como fazem Meleá-Mená (no grupo 2) e Cainão-Cainão. Quanto a Arni, parece que um erro foi cometido por parte do copista, pois em seu lugar deveria estar Aram ou Ram. Mas ele se aproxima bastante da forma do nome Arnan (1 Cr 3,21). O copista pode ter feito confusão entre 'Aram e 'Arnan, e, por um erro de leitura, ou de escrita, ou de pronúncia, ou de escuta, acabou escrevendo 'Arní (KUHN, 217, n. 3).<sup>37</sup>

Uma particularidade simbólico-numérica do grupo 3 são os nomes Salá e, novamente, Cainão, que se repetem em uma sucessão de 18 (6 x 3) e 10 (5 x 2) nomes, respectivamente, como ocorre com alguns ancestrais do grupo 2.

---

<sup>34</sup> Segundo KUHN, o grupo 3 concorda em geral com a morfologia da LXX.

<sup>35</sup> Por causa desta suposição, Aminadab não poderia estar na lista primitiva de Lucas (em B e em sy.<sup>sin</sup> falta este nome). No entanto, sua presença é necessária devido ao seu surgimento em 1 Cr 2,10 e nos demais códices, bem como ao acabamento simbólico-numérico do grupo 3.

<sup>36</sup> Alguns manuscritos do Novo Testamento, como P<sup>4</sup>, 01\*, 1241 e sy.<sup>sin</sup>, talvez confirmem esta tese, tendo em vista que neles aparece o nome Adão, ora no lugar de Aminadab, ora no lugar de Admin.

<sup>37</sup> KUHN sugere que Arni deve ser o produto de uma maneira de ler o hebraico Aram. Talvez tenha havido uma corrupção da forma grega 'Aram para 'Arní. Também pode-se pensar que Arni venha de 'Arnan, encontrado no texto da LXX de Rt 4,19 (NOLLAND, 172).

Ao analisarmos as possibilidades numéricas entre os três grupos, também encontramos algumas peculiaridades interessantes:<sup>38</sup> a)  $6 \times 3 = 18$ : de Jesus (grupo 1) a Jodá (grupo 2) = 18; de Jodá a Judá (ambos do grupo 2) = 18; entre Judá (grupo 2) e Judá (grupo 3) = 18 nomes intermediários; b) se concebermos um círculo que começa com Jesus e termina com Adão, podemos encontrar o seguinte: 26 nomes de Adi a Admin; 52 nomes de Adi a Set, ou seja,  $26 \times 2$ , sendo que o próximo é Adão; entre Admin e Adão existem 26 nomes intermediários; e de Adão a Adi (repassando-se para a lista encabeçada por Jesus, do grupo 1 em diante) temos 26 nomes também. Esta peculiaridade deve confirmar mais uma vez a relação pela raiz entre Admin e Adão, e, em acréscimo, por semelhança, entre Adi e Adão.

O que surpreende na genealogia de Lucas não é somente seu sistema de intervalos simbólico-numéricos com repetições de nomes, mas sim a enigmática organização dos subgrupos de nomes identificados por letras iniciais. Os Quadros ns. 3 e 3.1, que se encontram ao final deste artigo, procuram ilustrar o método da aplicação dos subgrupos. Estes parecem estabelecer um outro sistema paralelo ao sistema de intervalos simbólico-numéricos. No entanto, eles se harmonizam à medida que os nomes vão se identificando entre os seis primeiros grupos de sete da genealogia. É interessante notar que, se colocarmos os dois corpos de subgrupos de letras iniciais um em frente do outro, como em um espelho, poderemos notar dois cruzamentos causados por inversões, como nos mostra o Quadro n. 4. Parece que este fenômeno parte de uma estratégia do evangelista para organizar a genealogia de maneira que fossem possíveis as identificações simbólico-numéricas. Outro fenômeno é o surgimento de dois intervalos de três nomes, que têm a finalidade de separar os subgrupos J-J-E-M-L e M-A-N, bem como N-M-A e J-E-J-M-L. Aparece outro intervalo de três nomes na área central, onde se encontram Resá-Zorobabel-Salatiel. Este intervalo teria a função de separar os dois corpos de subgrupos. Inicialmente, parece que Lucas preocupou-se em destacar os nomes Jesus e José, por meio de suas repetições conjuntas como cabeças de grupos nas duas metades dos quarenta nomes. Entre eles aparecem Matatias e Salatiel, de maneira que encontramos a sequência Jesus-José, Matatias-Salatiel e Jesus-José. Posteriormente, ele colocou na lista o primeiro grupo de sete nomes, encabeçado por Jesus, os quais serviriam de modelos para a formação de outros nomes. Lucas estabeleceu neste grupo o primeiro subgrupo de letras iniciais, isto é, J-J-E-M-L. Após este grupo modelar de sete, o

---

<sup>38</sup> Devemos lembrar que BROWN, 91, observa que Agostinho e os Padres da Capadócia já tinham encontrado um padrão numérico na lista genealógica de Lucas. Brown também acrescenta que nela existem sete patriarcas de Adão até Enoc e setenta nomes entre Enoc e Jesus, assim como vinte e um nomes no período pós-exílico, vinte e um nomes no período monárquico, quatorze nomes no período pré-monárquico de Davi até Isaac e vinte e um nomes de Abraão até Adão, formando o seguinte padrão numérico:  $21 (3 \times 7) + 21 + 14 (2 \times 7) + 21$ .

evangelista iniciou o segundo grupo de sete com o segundo nome mais importante, ou seja, José, o qual está presente no grupo modelar, também em segundo lugar, após Jesus.

Assim como ocorre no primeiro grupo, Lucas coloca após José o nome que será repetido após seis nomes, ou seja, Matatias. Neste momento, os seis nomes intermediários já estavam formando os subgrupos de letras iniciais M-A-N e E-N-M-M. Em seguida, após o cabeça do terceiro grupo, ou seja, Matatias, o evangelista estabeleceu o subgrupo S-J-J-J. Possivelmente aqui já começa a haver uma necessidade de organizar os subgrupos conforme o sistema de intervalos simbólico-numéricos, pois aparecem na lista Josec, que remete a José, e Jodá, que remete a Judá, presentes na outra metade dos quarenta nomes. O acrescentamento do nome Resá parece ter sido necessário para formar a quantidade de vinte nomes na primeira metade dos quarenta nomes. Lucas logo encaixou no centro os nomes Zorobabel e Salatiel, os quais eram importantes para o fundo teológico de sua genealogia. Na segunda metade começam as repetições dos subgrupos de letras iniciais. Sempre tendo como referência os subgrupos da primeira parte, podemos observar duas inversões nos subgrupos J-E-J-M-L e S-J-J-J e dois deslocamentos nos subgrupos N-M-A e E-M-M-M-N. Percebemos também o acrescentamento do nome Mená para totalizar vinte nomes na segunda parte. É possível que a regra de obedecer à lista inicial de sete nomes modelares e à organização em intervalos simbólico-numéricos tenha influenciado no posicionamento inverso dos subgrupos da segunda parte dos quarenta nomes.

Para confirmar esta suposição, é importante contarmos os nomes entre os subgrupos semelhantes. De fato, este procedimento revela intervalos numéricos interessantes: a) primeiro e sexto subgrupos: de Jesus a Jesus = 28 nomes (sem contar o primeiro nome); de José a Jorim = 28 nomes intermediários; de Eli a Eliezer = 28 nomes (sem contar o primeiro nome); de Matat a Matat = 28 nomes (sem contar o primeiro nome); de Levi a Levi = 28 nomes (sem contar o primeiro nome); b) segundo e quinto subgrupos: de Matatias a Melqui = 14 nomes intermediários (é possível que Melqui tenha sido preferido por causa da contagem de 18 nomes entre o Melqui do primeiro intervalo de três nomes e o Melqui do quinto subgrupo); de Amós a Adi = 14 nomes intermediários; de Naum a Neri = 12 nomes (sem contar o primeiro nome); c) terceiro e oitavo subgrupos: de Esli a Eliaquim = 26 nomes (sem contar o primeiro nome); de Nagai a Neri = 28 nomes intermediários; de Maat a Meleá = 24 nomes intermediários; de Matatias a Matatá = 26 nomes (contando-se o primeiro nome); d) quarto e sétimo subgrupos: de Semeín a Simeão = 18 nomes (sem contar o primeiro nome); de Josec a José = 18 nomes intermediários; de Jodá a Judá = 18 nomes (contando-se o primeiro nome); de Joanan a João = 18 nomes (sem contar o primeiro nome). Estes intervalos

numéricos constantes e significativos denotam que a localização dos subgrupos de letras iniciais também está submetida ao sistema simbólico-numérico do evangelista, muito embora não de forma perfeita (v. letras b e c acima). Isto pode confirmar a possibilidade de que ocorre uma harmonização entre o sistema dos subgrupos e o sistema de intervalos simbólico-numéricos, de maneira a permitir uma configuração genealógica que se enquadre na armação sustentada por Jesus-José, Matatias-Salatiel e Jesus-José.

Por fim, vendo-se de maneira global a genealogia de Lucas, devemos concordar com a contagem de onze grupos de sete nomes sucessivos. Mas, se contarmos os nomes-cabeça mais Deus, acharemos o número doze (v. Quadro n. 3.2). Talvez Lucas tivesse em mente este número bíblico importante para concluir simbolicamente a sua genealogia.

Há estudiosos que defendem a ideia de que Lucas é mais autêntico do que Mateus.<sup>39</sup> Porém, deve-se dizer que fica difícil aceitá-la definitiva e cabalmente, tendo em vista a construção artificial, por meio de números, colocação de nomes repetidos em intervalos numéricos, abreviações nominais, subgrupos de iniciais, nomes desconhecidos e objetivos teológicos, especialmente o de determinar que Jesus não era descendente dos reis judeus após Davi. Toda esta técnica indica que a lista é uma elaboração, ou, pelo menos, que Lucas pode ter utilizado uma lista primitiva, mas acabou manipulando-a e até mesmo ampliando-a sistematicamente.<sup>40</sup> O mesmo se deve dizer de Mateus, com a diferença de que este procurou fazer uma redução, não uma ampliação.<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> Por exemplo, JEREMIAS, 297, pensa que a genealogia de Lucas é mais autêntica do que a de Mateus.

<sup>40</sup> A presença de nomes sem forma bíblica prévia ou próxima, como Nagai, Cosão, Meleá e Mená, e a frase *'enomízeto* (“como se imaginava”) de Lc 3,23, parecem indicar esta possibilidade, muito embora, no caso da frase, tenha-se preferido dizer que ela significa que “se pensava” que José e seus ascendentes eram o pai e os ancestrais de Jesus, quando, na realidade, não o eram, tendo em vista a origem divina deste último. Mas a frase poderia estar induzindo à ideia de que o evangelista copiou a lista a partir de um outro documento, ou reproduziu uma lista de determinada tradição oral, ou que ela é resultado de uma pesquisa própria (v. Lc 1,3). Mesmo assim, é visível a preocupação artificial e teológica da lista, o que induz à ideia de que houve uma elaboração ou manipulação e ampliação, algo que não é impossível, tendo em vista que em muitos pontos do evangelho de Lucas há indícios de que este evangelista utilizou bastante sua criatividade. Há outros indícios de artificialidade e criatividade, observáveis na própria lista genealógica de Lucas, como: a) a menção de nomes não atestados durante o período pré-exílico (Lc 3,27-31), de nomes não usuais (Levi, Simeão, José, Judá) para o mesmo período e de nomes que não existem nas casas de Levi e Davi (JEREMIAS, 296; BROWN, 92 e 588); b) e a possível utilização de 1º Crônicas como fonte principal para a busca e a escolha de nomes e formas nominais (v. Quadros ns. 5, 6 e 7 no final deste artigo).

<sup>41</sup> Em 1º Crônicas existem versões de genealogia, nas quais se acrescentam ou se suprimem nomes (1 Cr 7,6-12 e 8,1-40; 2,3-3,4 e 4,1-23). Os motivos para estas contradições devem se basear na necessidade de se legitimar filiações e no fato de que o cronista fez questão de deixar registradas todas as possibilidades de genealogia, conforme as várias tradições que colheu. Já no caso de Lc 3,23-38 parece existir uma intenção sistemática de apresentar uma cronologia, no sentido de formar uma lista com número perfeito (setenta e sete). Naturalmente, por causa do desvio para Natan, os nomes entre este e Salatiel não poderiam coincidir com os que são fornecidos por Mateus, já que ele optou pelos descendentes de Salomão. É por isso que existe a diferença de nomes. Porém, tanto Mateus quanto Lucas não aceitaram 1 Cr 3,19-20, preferindo extrair e modificar nomes. Indubitavelmente uma coisa é certa: por motivos teológicos, Salatiel e Zorobabel teriam de constar das genealogias, fossem ou não fossem descendentes régios (especialmente porque Zorobabel possui condição messiânica em Ag 2,21-23 e Za

## Conclusão

No presente artigo, ficou bem demonstrado que as genealogias de Jesus Cristo foram elaboradas conforme modelos de nomes e linhagens, seguindo a cronologia e a história bíblica, assim como conforme princípios internos simbólico-teológicos que obedeceram a intervalos de grupos numéricos significativos.

Foram trazidos à baila alguns detalhes novos, dentre os quais os mais importantes são os seguintes:

1. Quanto às teses de harmonização e de inclusão de Maria, a alternativa hipotética de que esta poderia ser descendente de Davi por meio de outro filho, além de Salomão e Natan, a qual nos ajuda a descartar aquelas teses complicadas.

2. No caso da genealogia de Mateus, o aproveitamento de outros nomes diferentes atribuídos a alguns ancestrais, como Eliaquim, referente a “Joaquim-Jeconias”, e Azor, referente a Ozias; a abreviação de Aquimaás para Aquim e de Matanias para Matan; a possível modificação de Azarias para Azor, levando-se em conta 1 Cr 6,8-10, cuja passagem deve ter inspirado a criação do conjunto Azor-Zadoc-Aquim; as relações entre Abiud e José, Zadoc e Aquim, Eliud e Abiud, Eleazar e Zadoc; e a função introdutória e tipológica de Matan, no grupo Matan-Jacó-José-Jesus.

3. Com relação à lista genealógica de Lucas, a constatação de que o grupo dos primeiros sete nomes serve como princípio gerador de outros nomes, o que determina o seu destacamento do resto da genealogia; a possível influência de algumas formas nominiais encontradas no Antigo Testamento; o reaproveitamento de nomes, mas com a modificação das formas, como José-Josec, Eli-Esli, Judá-Jodá, Semeín-Simeão e Joanan-Jonão; a existência de subgrupos organizados conforme as letras iniciais dos nomes; a relação simbólico-numérica entre nomes com formas próximas; a constante numérica entre os intervalos de sete, vinte e oito, dezoito e dez, assim como, subsidiariamente, de vinte e seis e cinquenta e dois; a possível utilização de significados para a escolha de nomes-chave; a

---

4,6-10). Só que Lucas, ao contrário de Mateus, calculou com maior precisão o tempo e a quantidade de gerações necessárias para se chegar até aqueles personagens, pois não se prendeu a um princípio numérico muito limitado, como fez Mateus.

intenção teológica de retirar de Jesus sua condição régia israelita pelo desvio para Natan; a relação pela semelhança e pela raiz dos nomes Adi, Admin e Adão, confirmada pelo sistema simbólico-numérico do evangelista; e a proposta de que Arni é mais próximo da forma Arnan.

No caso de Lucas, é importante acrescentar a sua preocupação de repetir nomes que, de acordo com os seus significados originais, apontam para Jesus. Por este motivo, podemos dizer que a sua lista reproduz um cristocentrismo. Mas, a maneira como a dispõe parece insinuar algo semelhante ao que afirma Ap 1,8.17; 22,13: Jesus e Deus são o princípio e o fim de toda a História. Do que se depreende que a lista de Lucas possui uma amplitude teológica maior do que a de Mateus.

### Referências bibliográficas:

- BAUCKHAM, R. *Jude and the Relatives of Jesus in the Early Church*. London: T&T Clark, 2004.
- BROWN, R. E. *The Birth of the Messiah*. Garden City/New York: Doubleday, 1977; tradução brasileira *O Nascimento do Messias*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BRUNER, F. D. *Matthew: a Commentary, The Christbook, Matthew 1-12*. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2007.
- DAVIES, W. D. e ALLISON, D. C. *Matthew 1-7*. London: T & T Clark Ltd., International Critical Commentary, 2004.
- EUSÉBIO, *Historia Ecclesiastica*. Tradução brasileira *História Eclesiástica*, série *Patrística*. São Paulo: Paulus, 2000.
- HAGNER, D. A. *Matthew 1-13*. Dallas: Word Incorporated, Word Biblical Commentary, 33A, 1993.
- HERVEY, A., *The Genealogies of Our Lord and Saviour Jesus Christ*. London: Cambridge, MacMillan and Co., 1853.
- HOLZMEISTER, V. U. “Ein Erklärungsversuch der Lk-Genealogie (3, 23-28)”, *ZKT* 47 (1923) 184-218.
- JEREMIAS, J. *Jerusalem in the Time of Jesus*. Minneapolis: Fortress Press, 1975; tradução brasileira *Jerusalém no Tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1983.
- KUHN, G. “Die Geschlechts Register Jesu bei Lukas und Matthäus nach ihrer Herkunft untersucht”, *ZNW* 22 (1923) 216-217.
- LUZ, U. *Matthew 1-7*. Minneapolis: Augsburg Fortress, Hermeneia, 2007.
- MARSHALL, I. H. *The Gospel of Luke: A Commentary on the Greek Text*. Exeter: Paternoster, 1978.
- NOLLAND, J. *Luke 1-9:20*. Dallas: Word Incorporated, Word Biblical Commentary, 35A, 1989.
- NOLLE, L. “Old Testament Laws of Inheritance When He taught”, *NTS* 5 (1958-59) 291-298.
- PATRIZZI, F. X. *De Evangeliiis*, Freiburg in Breisgau, 1853, vol. II.
- PLUMMER, A. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel according to S. Luke*. New York: Scribner, 1922.
- SIVERTSEN, B. “New Testament Genealogies and the Families of Mary and Joseph”, *Biblical Theology Bulletin* 35, n. 2 (2005) 43-50.

**Nota explicativa:**

Os Quadros ns. 3, 3.1 e 3.2 devem ser compreendidos da seguinte maneira: os nomes que encabeçam as setenas aparecem em letras maiúsculas e sublinhados; os nomes mais repetidos aparecem somente em letras maiúsculas. Os números da lateral esquerda indicam as correspondências entre os nomes, da seguinte forma: o primeiro número se refere às formas nominais que são repetidas ou que inspiraram a criação de outros nomes; o segundo número relaciona-se às vezes em que surgem aquelas formas nominais ou às vezes em que aparecem suas repetições, recriações (por meio de formas abreviadas ou modificadas) e substituições.

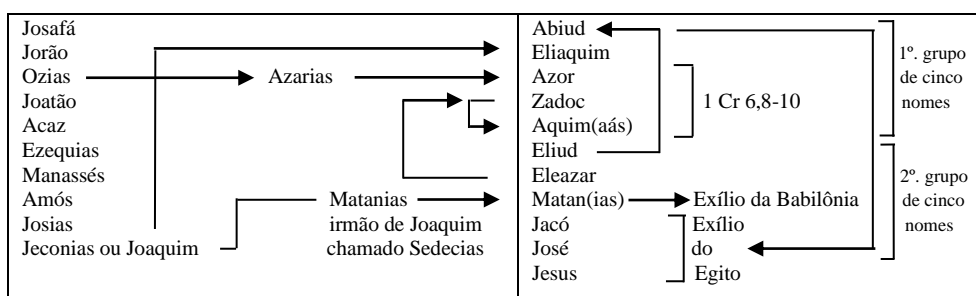
**QUADRO N. 1**

**CONTAGEM DAS GERAÇÕES**

<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Abraão - Isaac</li> <li>2. Isaac - Jacó</li> <li>3. Jacó - Judá (e seus irmãos)</li> <li>4. Judá (de Tamar) - Farés (e Zerá)</li> <li>5. Farés - Esrom</li> <li>6. Esrom - Aram</li> <li>7. Aram - Aminadab</li> <li>8. Aminadab - Naasson</li> <li>9. Naasson - Salmon</li> <li>10. Salmon (de Raabe) - Boez</li> <li>11. Boez (de Rute) - Jobed</li> <li>12. Jobed - Jessé</li> <li>13. Jessé - Davi</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Davi (da mulher de Urias) - Salomão</li> <li>2. Salomão - Roboão</li> <li>3. Roboão - Abias</li> <li>4. Abias - Asaf</li> <li>5. Asaf - Josafá</li> <li>6. Josafá - Jorão</li> <li>7. Jorão - Ozias</li> <li>8. Ozias - Joatão</li> <li>9. Joatão - Acaz</li> <li>10. Acaz - Ezequias</li> <li>11. Ezequias - Manassés</li> <li>12. Manassés - Amós</li> <li>13. Amós - Josias</li> <li>14. Josias - Jeconias (ou Joaquim) (e seus irmãos)</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Jeconias - Salatiel</li> <li>2. Salatiel - Zorobabel</li> <li>3. Zorobabel - Abiud</li> <li>4. Abiud - Eliaquim</li> <li>5. Eliaquim - Azor</li> <li>6. Azor - Zadoc</li> <li>7. Zadoc - Aquim</li> <li>8. Aquim - Eliud</li> <li>9. Eliud - Eleazar</li> <li>10. Eleazar - Matan</li> <li>11. Matan - Jacó</li> <li>12. Jacó - José</li> <li>13. José (ou Maria) - Jesus</li> </ol>
---	---	--

**QUADRO N. 2**

**CORRESPONDÊNCIAS ENTRE OS NOMES**



**QUADRO N. 3**

1.1	J	JESUS (1)	1ª parte 20 nomes
2.1	J	JOSÉ	
3.1	E	Eli	
4.1	M	MATAT	
5.1	L	LEVI	
6.1		MELQUI	
7.1		Janai	
1º intervalo 3 nomes			
2.2		JOSÉ (2)	
4.2	M	MATATIAS	
	A	Amós	
	N	Naum	
3.2	E	Esli (E-li)	
8.1	N	Nagai – “luz”	
4.3	M	Maat	
4.4	M	MATATIAS (3)	
9.1	S	Semeín	
2.3	J	Josec – JOSÉ	
10.1	J	Jodá – JUDÁ	
7.2	J	Joanan (Janai)	
Intervalo Central 3 nomes		Resá (Reson) – nome acrescentado	
		Zorobabel	Nomes encaixados
		SALATIEL (4)	

**QUADRO N. 3.1**

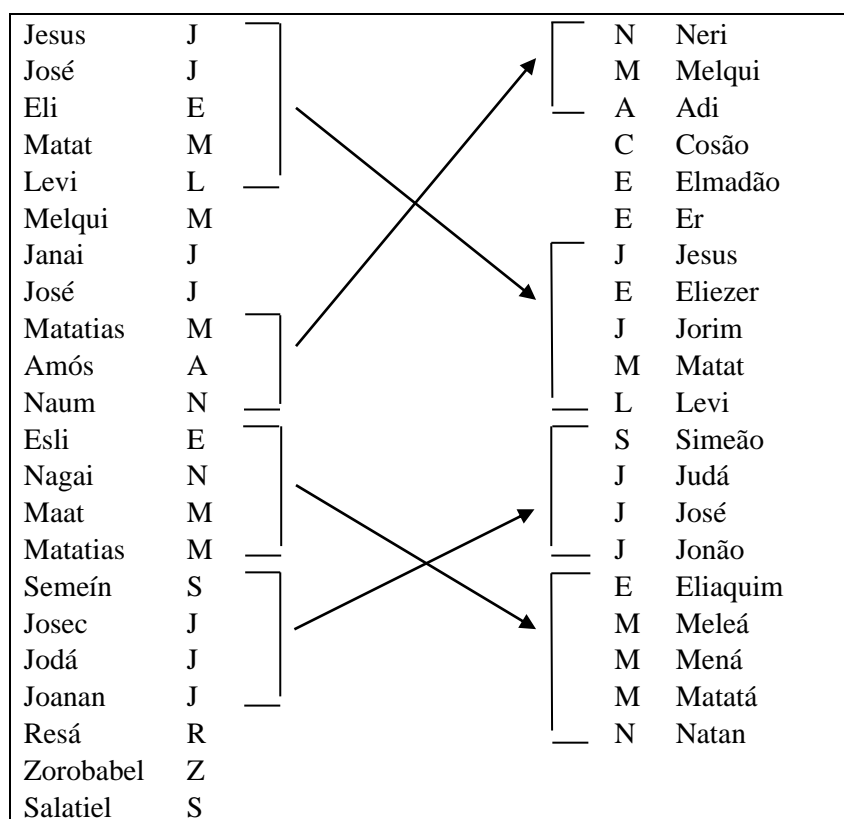
8.2	N	Neri (Nerias) – “minha luz” – Naum	2ª parte 20 nomes
6.2	M	MELQUI (Melquisedec) – Matatias	
11.1	A	Adi (Adiel) – Amós	
2º intervalo 3 nomes		Cosão	
3.3		Elmadão (Elmodad, El-i)	
		Er	
1.2	J	JESUS (5)	
3.4	E	Eliezer – Eli	
2.4	J	Jorim (Jorão) – JOSÉ	
4.5	M	MATAT	
5.2	L	LEVI	
9.2	S	Simeão – Semeín	
10.2	J	JUDÁ	
2.5	J	JOSÉ (6)	
7.3	J	Jonão (Janai) – Joanan	
3.5	E	Eliaquim (Eli) – Esli	
6.3 (4.3)	M	Meleá (Mel-qui) – Maat	
Deslocamento		Mená – nome acrescentado	
4.6	M	Matatá – MATATIAS	
(8.1)	N	Natan – Nagai	



**QUADRO N. 3.2**

	<u>DAVI</u> (7)
	Jessé
	Jobed
	Booz
12.1	Sala
	Naasson
	Aminadab
11.2	<u>ADMIN</u> (Admá) (8)
	Arni (Arnan)
	Esrom
	Farés
10.3	<u>JUDÁ</u>
	Jacó
	Isaac
	<u>ABRAÃO</u> (9)
	Tare
	Nacor
	Seruc
	Ragau
	Falec
	Éber
12.2	<u>SALÁ</u> (10)
	Cainão
	Arfaxad
	Sem
	Noé
	Lamec
	Matusalém
	<u>ENOC</u> (11)
	Jaret
	Maleleel
13.2	Cainão
	Enós
	Set
11.3	Adão
	<u>DEUS</u> (12)

QUADRO N. 4



## QUADRO N. 5

### Partes proporcionais de nomes citados nos primeiros 42 nomes de Lc 3,23-38, que possivelmente determinam as fontes bíblicas mais utilizadas por Lucas.

#### 1º Crônicas

1, 2: José-Josec (1 Cr 2,2); 3, 4: Eli-Esli (Eliel, 1 Cr 5,24); 5, 6: Matat-Matatias; 7: Levi (1 Cr 2,1); 8: Melqui (Melquiel); 9: Janai; 10: Maat; 11: Semeín; 12, 13: Jodá-Judá (1 Cr 2,1); 14, 15: Joanan-Jonão; 16: Zorobabel; 17: Salatiel; 18: Neri (Ner); 19: Adi (Adiel); 20: Elmadão (Elmodad); 21: Er; 22: Eliezer; 23: Simeão (1 Cr 2,1); 24: Natan.  $24 \div 42 \times 100 = 57,15\%$ .

#### Gênesis

1, 2: José-Josec; 3: Levi; 4: Melqui (Melquisedec); 5, 6: Judá-Jodá; 7: Elmadão (Elmodad); 8: Er; 9: Simeão.  $9 \div 42 \times 100 = 21,43\%$ .

#### 2º Reis

1, 2: Joanan-Jonão; 3: Resá (Resin, 2 Reis 15,37); 4: Jorim (Joram); 5: Eliaquim.  $5 \div 42 \times 100 = 11,91\%$ .

#### 1º Reis

1, 2: Eli-Esli (1 Reis 2,27); 3: Resá (Reson); 4: Natan.  $4 \div 42 \times 100 = 9,53\%$ .

#### 2º Crônicas

1: Maat; 2: Resá (Resin, 2 Cr 28,5); 3: Jorim (Joram).  $3 \div 42 \times 100 = 7,15\%$ .

#### Esdras

1: Zorobabel; 2: Salatiel; 3: Matatá.  $3 \div 42 \times 100 = 7,15\%$ .

#### Neemias

1: Zorobabel; 2: Salatiel.  $2 \div 42 \times 100 = 4,76\%$ .

#### Ageu

1: Zorobabel; 2: Salatiel.  $2 \div 42 \times 100 = 4,76\%$ .

Eclesiástico: Jesus; 1º Samuel: Eli(-Esli) (1 Sam 1,3); 1º Macabeus: Matatias; Amós: Amós; Naum: Naum; Êxodo: Eliezer; 2º Samuel: Natan; Zacarias: Natan.  $1 \div 42 \times 100 = 2,39\%$ .

---

#### Nomes Desconhecidos

Esli, Nagai, Cosão, Meleá e Mená.  $5 \div 42 \times 100 = 11,91\%$ .

#### Nomes Abreviados e Assemelhados

Matat, Melqui, Josec, Jodá, Resá, Neri, Adi, Elmadão, Jorim e Jonão.  $10 \div 42 \times 100 = 23,81\%$ .

## QUADRO N. 6

### Pequeno estudo dos nomes de Lc 3,23-31

1) Nomes de Lc 3,23-31, conforme localização por período histórico:

Depois do exílio babilônico: Jesus, José, Eli, Matat, Levi, Melqui, Janai, José, Matatias, Amós, Naum, Esli, Nagai, Maat, Matatias, Semeín, Josec, Jodá, Joanan, Resá, Zorobabel, Salatiel.

Antes do exílio babilônico: Neri, Melqui, Adi, Cosão, Elmadão, Er, Jesus, Eliezer, Jorim, Matat, Levi, Simeão, Judá, José, Jonão, Eliaquim, Meleá, Mená, Matatá, Natan.

2) Nomes veridicamente existentes em cada período histórico, conforme a Bíblia e Tal Ilan (*Lexicon of Jewish Names in Late Antiquity: Part I: Palestine 330 BCE-200 CE*):

Depois do exílio babilônico: Jesus (também na forma de “Josué”; e antes), José (e antes), Matatias (e antes), Joanan (conforme Tal Ilan; e antes), Zorobabel, Salatiel, Adi (conforme Tal Ilan) = 7 nomes.

Antes do exílio babilônico: Jesus (somente na forma de “Josué”; e depois), José (e depois), Eli, Matat, Janai, Matatias (e depois), Amós, Naum, Maat, Semeín, Josec (José), Jodá (Judá), Joanan, Resá (Resin, Reson), Neri (Ner, Nerias), Adi (Adiel; e depois, conforme Tal Ilan), Elmadão (Elmodad), Er, Eliezer, Jorim (Joram), Matat, Levi, Simeão (e depois, conforme Tal Ilan), Judá, Jonão (Joanan), Eliaquim, Matatá, Natan = 29 nomes.

3) Nomes em dúvida sobre sua veracidade nos períodos, localizados conforme Lc 3,23-31:

Depois do exílio babilônico: Esli (de Eli?; e antes?), Nagai = 2 nomes.

Antes do exílio babilônico: Cosão, Meleá, Mená = 3 nomes.

4) Conclusão: para compor sua lista, há a probabilidade de que Lucas se influenciou mais pelo texto da Bíblia, frequentemente por 1º Crônicas, do que por nomes verídicos de cada período.

## QUADRO N. 7

### Quantidades significativas possíveis e duração dos intervalos entre os nomes de Lc 3,23-38

Depois do exílio babilônico: Jesus, José, Eli, Matat, Levi, Melqui, Janai, José, Matatias, Amós, Naum, Esli, Nagai, Maat, Matatias, Semeín, Josec, Jodá, Joanan, Resá, Zorobabel, Salatiel.

Antes do exílio babilônico: Neri, Melqui, Adi, Cosão, Elmadão, Er, Jesus, Eliezer, Jorim, Matat, Levi, Simeão, Judá, José, Jonão, Eliaquim, Meleá, Mená, Matatá, Natan. Davi, Jessé, Jobed, Booz, Salá, Naasson, Aminadab, Admin, Arni, Esrom, Farés, Judá, Jacó, Isaac, Abraão, Taré, Nacor, Seruc, Ragau, Falec, Éber, Salá, Cainão, Arfaxad, Sem, Noé, Lamec, Matusalém, Enoc, Jaret, Maleleel, Cainão, Enós, Set, Adão.

a) talvez originalmente a lista de Lucas fosse composta somente por 70 nomes, considerando duas possibilidades: 1) extraindo-se os primeiros 7 nomes, na ordem ascendente, sobrando 70 nomes a partir de José (cabeça do segundo grupo de 7); 2) ou extraindo-se os nomes encaixados – Zorobabel e Salatiel –, e os nomes acrescentados – Resá, Mená, Admin e duas vezes Cainão (apesar de que este deveria aparecer uma vez na lista) –, ficando 38 nomes de Jesus a Natan, e 32 nomes de Davi até Adão. 70 é um número bíblico e parece que originalmente a lista lucana tinha um fundo essencialmente bíblico com o número 70;

b) no momento em que percebemos que Zorobabel e Salatiel são nomes encaixados no centro do grupo dos primeiros 40 nomes, em ordem ascendente – provavelmente por causa de um objetivo teológico –, podemos descartar a possibilidade de que a genealogia original demonstrasse que Natan é ascendente de Zorobabel;

c) também é possível descobrir na lista não somente 70, mas também outros números bíblicos: 40 nomes de Jesus a Natan (excluídos Zorobabel e Salatiel); 12 nomes de Davi a Judá; e 24 nomes de Judá a Adão (contando-se os nomes Admin e duas vezes Cainão). São números que podem confirmar o indício de um fundo essencialmente bíblico da genealogia e uma certa artificialidade;

d) do ponto de vista cronológico, contando-se do fim do governo de Davi, c. 1015 a.C., até a reconstrução do templo, c. 520 a.C., temos 495 anos. Considerando-se este interregno, no período respectivo, desde Natan até Salatiel, temos 24 anos entre cada um dos nomes da lista lucana. Já do fim do governo de Zorobabel, c. 516 a.C., até Jesus, são 511 anos, o que dá 25 anos entre cada um dos nomes deste período. Diante disso, os primeiros 40 nomes podem ser vistos como meros indícios da existência de outros conjuntos de pessoas anônimas, ou seja, pessoas que viveram durante cerca de 24 ou 25 anos entre cada um dos nomes. O que indica que a lista originária poderia conter muito mais nomes do que se possa presumir;

e) e o mesmo se pode notar de Davi até Isaac, talvez do ano 1015 a.C. até 2000 a.C.: 67 anos entre cada um dos nomes; e de Abraão até Adão, talvez de 2000 a.C. até 3000 a.C.: 142 anos entre cada um dos nomes. Espaços de tempo que não se coadunam com a cronologia que a lista lucana pretendia transparecer.